

DIMENSÕES POLÍTICO-PEDAGÓGICAS, SUBJETIVAS E INTERDISCIPLINARES EXISTENTES NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.

RONALDO LUIS GOULART CAMPELLO¹; THIAGO CALDEIRA LANG²; LIGIA CARDOSO CARLOS³

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPEL 1 – ronaldo.campello@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – tcaldeiralang@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – li.gi.c@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A proposta de escrita deste texto surge na disciplina de Pós-estágio no 8º semestre – 2017/2, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Ligia Cardoso Carlos, que tem como um de seus objetivos abordar as dimensões político-pedagógicas, subjetivas e interdisciplinares existentes na relação professor-aluno. Estas dimensões serão apresentadas e discutidas do ponto de vista de dois graduandos professores-estagiários a partir das disciplinas de 'Estágio supervisionado do ensino fundamental e médio' em semestres anteriores. Portanto, os discentes neste texto tratam a partir do referencial teórico sugerido para esta disciplina de Pós-estágio e de seu arcabouço conceitual apreendido ao longo deste curso, discorrer sobre como perceberam tais relações enquanto se constituíam professores-estagiários da disciplina de Geografia nas escolas as quais atuaram.

2. METODOLOGIA

A proposta de pesquisa para este trabalho é o método cartográfico de pesquisa pensado por Deleuze e Guattari (1995) no qual temos a possibilidade sempre de criar maneiras novas, ou não, de questionar o que se propõem a cartografar. "A proposta cartográfica de investigação não prestigia os fins em si, mas os meios, os fazeres e não a conclusão" (CAMPELLO, 2016, p. 21), A cartografia produzida nas ciências geográficas traz definições sobre elementos que compõem um croqui, um mapa, uma carta topográfica e aprendemos um a um os conceitos de o que é escala o que é paisagem, localização, lugar, topografias, entre outros, ao passo que conseguimos compreender/ler tais documentos quando estes se apresentam uníssonos.

Na cartografia proposta por Deleuze e Guattari (1995), o procedimento cartográfico assume outra política. Experiências, acontecimentos e conceitos se aliam e mergulhamos em outros campos. Trata-se de uma geografia dos afetos, das sensibilidades, dos movimentos e das subjetividades que podem, assim, pensar sobre procedimentos de transformação que afetem/possibilitem implicações no individual e também no coletivo. Pesquisador e problema de pesquisa. Pesquisador do problema de pesquisa. (CAMPELLO, 2016, p. 22)

Deste modo, "a prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo do social. E pouco importa que setores da vida social toma como objeto". (ROLNIK, 1989, p. 65).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Pensar a escola demanda refletir sobre como fazemos educação e como a queremos. Tratar temas/conceitos geográficos onde tratamos por premissa que esta ciência encarna e reverbera o aprender como capacidade de portar-se frente às adversidades que surgem dia a dia, e que precisamos lidar com elas de modo que consigamos pensar/produzir sentido as sensibilidades, gestos, signos que nos cercam. Desta forma, ocupar/transformar o espaço que nos cerca e permitir, se for o caso, que sejamos tomados também por este espaço, criando relações de pertencimentos com o mesmo, tratando destes espaços, dos grupos sociais que o ocupam, do tempo, que os atravessa e constitui...

Callai (2005) corrobora com este texto pensando que a “possibilidade desse cruzamento entre a geografia e educação torna-se sobremodo importante num mundo em crise, nas concretudes do espaço vivido” (p. 233). Fortalecer entre tudo as singularidades/multiplicidades, as diversidades, e assim tornar a escola um local rico de possibilidades, manancial fértil onde as inter-relações surgem e fortalecem-se, laços se criam, outros se rompem.

Deste modo, trazer à baila discussões pertinentes aos períodos de estágio reverbera ecos de um pretérito tão presente que ainda remonta anseios, sustos, apreensões, dúvidas que hora se agravavam, hora diminuía, e que tinham no diálogo com os pares refúgio, pois, muitos compartilhavam de tais sentimentos.

Portanto, trazer as discussões ao âmbito de sala de aula nesta Universidade e compartilhar com os colegas e com os docentes sobre tais apreensões, dúvidas e questionamentos sobre como fazer, quando e de que modo agir, eram de certa maneira o que tornava esta experiência (do estágio) algo admirável. Para Mello; Rubio (2013) “as relações e convívios em sala de aula estruturam-se, por meio de todos os envolvidos, o professor sendo mediador, zelando pelo bom trabalho pedagógico”. “As ciências passam por mudanças ao longo do tempo, pois as sociedades estão em processo constante de transformação/(re)construção. O espaço e o tempo adquirem novas leituras e dimensões” (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 11), desta forma, a cada instante nos reconstituímos, reconstruímos e nos formamos ao passo que ocupamos estes espaços e nos constituímos neles e nos grupos sociais aos quais fazemos parte produzindo cultura, arte e também educação. Segundo Almeida (2012, p. 15) “a construção da própria identidade é o lastro para a descentração espaço-temporal do sujeito cidadão. E a construção da identidade é, na verdade, a representação das diferenças do sujeito; são as suas marcas/sinais e a valorização de tais singularidades”, e tais singularidades surgem potentes nos âmbitos escolares.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho surge a partir de estudos de autores que comungam com esta perspectiva de pensar a educação pelo viés que há na relação professor-aluno. Trouxe algumas reflexões acerca das práticas pedagógicas docentes, analisadas desde seus estágios de docência, período onde estes graduandos atravessaram/romperam por inúmeras vezes as linhas tênues deste universo acadêmico, desta formação em Licenciatura, e se colocavam como alunos de graduação, como docentes de geografia, e mantinham em ambivalência esta relação professor-aluno e de que modo, esta experiência os atravessou. Se atravessou? E como?

As inquietações provocadas e que ainda seguem latentes no que tratam sobre estes temas, amparam-se no método cartográfico de pesquisa para de



forma rizomática percorrer estes caminhos/tocas abertas enquanto estagiários de Licenciatura em Geografia no curso desta Universidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. do C. **O ensino de geografia no ensino fundamental do Lyceu de Goyaz da cidade de Goiás.** Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5051/1/2012_JosimardoCarmoAlmeida.pdf> acessado em 30/07/17.

CALLAI, H. C..**Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.** In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.geoplan.net.br/material_didatico/aprendendo%20a%20ler%20o%20mundo_projetos_2005.pdf> acessado em 26/09/17.

CAMPELLO, R. L. G. **Cartas para ler e escrever. Cartografando uma prática de ensino.** 2016. 78f. Dissertação (mestrado) - Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2016.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Apreensão e compreensão do espaço geográfico.** In: Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 11-22.

MELLO, T. RUBIO, J. A. S. A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação.** Vol.4 Nº1 2013 ISSN 2177-7748 Disponível: <<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf>> Acesso em: 26/09/2017

ROLNIK, S. Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.